Sábado, 21 de Novembro de 2026

Silêncios que falam

O tempo parece não passar quando duas pessoas compartilham o silêncio dentro de um elevador.

E, se por acaso ele parar em um dos andares, então vão à loucura.

A falta de diálogo nesses momentos é quase angustiante, tornando o elevador ainda mais lento, como se recusasse a seguir adiante.

Quando finalmente as portas se abrem, o alívio é geral, como se, de repente, o oxigênio voltasse a circular.

Ainda assim, prefiro o elevador silencioso. Subo e desço sempre longas distâncias, afinal, moro no vigésimo andar.

Minhas funcionárias, no entanto, relatam outra experiência. Para elas, o elevador de serviço carrega o peso de um preconceito velado.

Outro dia uma delas me contou que subia pelo elevador de serviço quando, de repente, uma antiga moradora do prédio quebrou o silêncio sepulcral com uma pergunta:

— Qual é o seu nome?

Ao ouvir a resposta esboçou surpresa. O nome não lhe parecia ‘adequado’ para uma funcionária doméstica.

Sem saber o que dizer, minha funcionária explicou que era uma homenagem à avó: Márcia.

E assim, em um instante, o silêncio do elevador se rompeu, escancarando o racismo, que muitos insistem em sepultar.

Na minha timidez, dentro do elevador, procuro olhar para baixo ou fixar os olhos no painel que marca os andares.

Se o companheiro de viagem for conhecido, um rápido diálogo se desenrola, sempre terminando com a promessa cordial:

— Qualquer hora passo aí para um café e colocarmos a conversa em dia.

Ele não virá nunca, e eu sei disso.

Não gosto nem de imaginar um elevador cheio, parado repentinamente entre os andares e sem energia.

O silêncio daria lugar ao desespero —todos falando ao mesmo tempo, gritando pelo zelador.

Curiosamente, um dos lugares falantes mais falantes do prédio são as escadarias, quando o elevador está em manutenção.

Os mesmos que descem e sobem calados dentro do elevador se transformam em tagarelas, como se as escadas libertassem as palavras contidas.

Gabriel Novis Neves é médico e ex-reitor da UFMT